DOMINGO, 01 DE NOVEMBRO

PRECISAMOS AMADURECER

*“Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino.” (1 Coríntios 13.11)*

Uma criança é feliz e promove felicidade sendo infantil. Sua imaturidade é sua forma de ser saudável e de ser uma benção para o mundo. Infantilidade e criança são compatíveis e é tudo de bom! Mas infantilidade no adulto é outra coisa e é uma lástima. Infantilidade no adulto chama-se imaturidade e não contribui para a felicidade, nem própria, nem de outros. É assim também na dimensão espiritual da vida: temos o tempo da infantilidade quando somos novos na fé, mas se já estamos nela tempo bastante para sermos maduros, precisamos amadurecer! Paulo diagnosticou imaturidade nos cristãos de Corinto. O problema não eram os infantis, mas os imaturos. Um infantil é espiritual, mas um imaturo é carnal e confunde a sua carnalidade com espiritualidade. Julga-se santo, ignorando as próprias maldades.

Paulo lutou pela maturidade daqueles irmãos e lhes indicou o caminho: amor. Disse-lhes que o amor é o que define o valor do que sabemos, dos dons que temos e das obras que realizamos. As mais louváveis e impressionantes capacidades, atitudes ou dons, destituídos do amor, não tem valor algum para a vida no Reino de Deus. Em outas palavras, não serão consideradas como obras de justiça, não farão de nós verdadeiros sinais do Reino invisível de Jesus. Ninguém ouvirá do Senhor o “muito bem servo bom e fiel” sem ter aprendido a amar. Paulo disse que houve um tempo em que ele falava, pensava e raciocinava como menino. Creio que se referia ao tempo que viveu como fariseu, em sua austeridade legalista que o levava a perseguir os que não lhe pareciam fiéis ou que contrariavam suas certezas. Mas Jesus mudou sua vida. Ele aprendeu a amar.

Jesus nos amou e nos mandou amar: “Se vocês obedecerem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como tenho obedecido aos mandamentos de meu Pai e em seu amor permaneço. (...) O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros como eu os amei.”(Jo 15.10 e 12) Está claro, mas não entendemos isso. Iludidos pela lógica do reino dos homens, confundimos imaturidade com maturidade e, como um bando de infantis, ansiamos por línguas, mistérios e conhecimento como pódios da fé. E o amor fica esquecido. Sabemos tanto e não sabemos amar. Amar apenas parece pouco demais para sermos espirituais, quando, na verdade, é tudo! Precisamos amadurecer. Já é hora de deixar para trás as coisas de menino!

*ucs*

SEGUNDA, 02 DE NOVEMBRO

SEM AMOR, SEM VALOR (I)

*“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine.” (1 Coríntios 13.1)*

Há muitas manifestações presentes no campo da fé que não são muito fáceis de compreender. O falar em línguas estranhas, como costumamos chamar, é uma delas. Elas estão citadas nas Escrituras, inclusive como sinal de fé, conforme lemos: “Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados" (Mc 16.17-18). E essas coisas aconteceram e quem poderia dizer que não acontecem mais? Porém, não acontecem com todos os que creem, não em todas as igrejas, não acontecem o tempo todo.

Mas há um sinal que é para todos, de todas as igrejas de todos os tempos. Um sinal que, na verdade, autentica todos os demais e nenhum outro é importante o bastante para autentica-lo: o amor. A Lei e os Profetas dependem do amor (Mt 22.37-40) e é no amor que a Lei se cumpre (Rm 13.10). Quem não ama, ainda que fale línguas, não conhece a Deus, porque Deus é amor. Quem não ama, não nasceu espiritualmente, porque todo o que é nascido de Deus, ama (1 Jo 4.7). Por isso é que Paulo toma o dom de línguas, sejam elas de homens ou de anjos, e diz: sem amor, sem valor. No Reino de Deus falar em línguas não tem valor algum, não produz adoração alguma, não promove maturidade e nem verdadeira edificação, se o amor não está orientando a vida. Línguas são dispensáveis. O amor mutuo e a Deus, não.

Um cristão verdadeiro e que está amadurecendo, deixando as coisas de menino, não é aquele que está impressionando outros porque tem o dom de falar em línguas estranhas, mas aquele que está edificando outros com atitudes amorosas. Falar uma língua estranha e não amar é falar uma língua realmente estranha a Deus e ao Seu Espírito. O amor é central na fé cristã, falar em línguas é periférico. O amor é fundamental para a vida de fé, falar em línguas é circunstancial. Não há problema em não falar e nem deve ser motivo de glória falar. Mas seremos um problema, estaremos em problema e causaremos problema, se não amarmos. Talvez você fale em línguas, talvez jamais venha a falar, mas há algo que não pode faltar em sua vida com cristão: amor verdadeiro, que se manifesta por obras e em verdade (1 Jo 3.18) e transforma a vida de outros.

*ucs*

TERÇA, 03 DE NOVEMBRO

SEM AMOR, SEM VALOR (II)

*“Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, mas não tiver amor, nada serei.” (1 Coríntios 13.2)*

Há algo característico em nossa humanidade: estamos sempre medindo as coisas e ordenando, tirando conclusões sobre o que é mais importante, inclusive em relação uns aos outros. Na igreja isso também pode acontecer e acontece. Há certas capacidades muito valorizadas e julgamos que aqueles que as tem, são mais importantes no Reino de Deus. Aplicamos ao Reino de Deus os parâmetros que normalmente usamos no reino dos homens. Jesus lidou com isso. Os apóstolos repetidamente se ocupavam em discussões sobre quem entre eles seria o maior. Jesus os deixou confusos ao usar parâmetros que não faziam sentido algum para o reino dos homens: para ser grande no Reino de Deus é preciso ser como uma criança, é preciso ser servo de todos e lavar os pés de todos.

Eles tiveram dificuldades em assimilar o ensino de Jesus e nós também temos. Os cristãos da igreja em Corinto também tiveram. Por isso Paulo lançou mão de algumas coisas que naturalmente valorizariam, assim como nós, para lhes ensinar a supremacia do amor. Parafraseando: “Olhem para mim: se eu manifestar entre vocês o dom de profetizar e demonstra que conheço todos os mistérios e tenho todo o conhecimento para apresenta-lo a vocês; se além disso eu, pelo poder da fé, mover uma monta diante dos olhos de vocês, mas não for capaz de amar e não for movido por amor, não se deixem impressionar, pois tudo isso seria nada aos olhos de Deus.”

Quando Jesus disse que o grande mandamento é amar a Deus e ao próximo, não estava brincando. É por meio do amor que o Reino de Deus se manifesta, e não por meio de profecias, conhecimento ou espetáculos de fé. Quando há amor, essas coisas podem ser úteis, mas sem amor, nada valem. O Reino de Deus não depende de profetas, de gênios intelectuais ou de pessoas cuja fé abala montes. Ele depende de pessoas comuns, de conhecimento limitado e que jamais se ofereceriam como exemplos de fé, muito menos como profetas! Mas que estão aprendendo a amar. Amar a Deus e ao próximo. E a fazerem o que fazem por amor e não por medo ou interesse. O Reino de Deus é misterioso! As vezes alguém que se acha grande, nada é. E quem dá apenas duas moedas, dá mais que todos.

*ucs*

QUARTA, 04 DE NOVEMBRO

SEM AMOR, SEM VALOR (III)

*“Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, mas não tiver amor, nada disso me valerá.” (1 Coríntios 13.3)*

Não é apenas o amor que nos leva a sacrifícios. Há outras motivações, e algumas nada nobres, que podem nos levar a agir sacrificialmente. Quem vê nossa ação e não o nosso coração, poderá considerar o que fizemos como uma demonstração de nossa bondade quando, na verdade, não é bem assim. Pode ser apenas nosso esforço para alcançar o que ambicionamos. Pode ser também que, todo nosso sacrifício, seja apenas uma forma de aplacar uma grande culpa ou uma tentativa de nos livrar de um grande medo. Há ainda a possibilidade de apenas estarmos interessados numa recompensa. No campo religioso, por exemplo, essa é a mais antiga forma de relação com a divindade: ofertar sacrifício para receber benefício. Mas no Reino de Deus a abnegação e o sacrifício pessoal não servem como moeda de troca. A manipulação não é aceitável.

No Reino de Deus há certa radicalidade: sem amor, sem valor. Por isso somos tão necessitados e dependentes da ação de Deus em nós para vivermos em Seu Reino. Pois nele é fundamental aprender a amar e agir por amor. É indispensável que uma vida, além da nossa própria, a natural, nos ocupe. É por essa razão que Jesus disse que sem um novo nascimento ninguém entrará no Reino de Deus (Jo 3.3). É também por essa razão que Jesus não nos deu um mapa para a vida eterna, não escreveu para nós um conjunto de regras a seguir ou obras a praticar. Ele nos chamou a morrer para nós mesmos e, pela fé, reviver nele. Ele nos prometeu o Espírito Santo, que nos guia em toda verdade. E disse que, para vivermos pela fé nele, precisaríamos dizer não a nós mesmos.

A vida no Reino de Deus envolve sim muitos tipos de obras e acabará nos pedindo sacrifícios. Nela devemos levar as cargas uns dos outros, amar os inimigos, dar a quem necessita, servir e cuidar, e tantas outras ações em que se visa o bem do outro e não o nosso próprio. São sacrifícios que devemos fazer, mas precisamos faze-los por amor. Só Deus pode nos ensinar isso. Ele nos amou e isso envolveu sacrifício. E Ele não os realizou com segundas intenções. Aprender a amar é o grande desafio colocado a cada cristão. Cada um de nós tem suas dificuldades com o amor. Precisamos que o Espírito Santo nos ajude, precisamos nos submeter e aprender. Afinal, no Reino, sem amor, sem valor!

*ucs*

QUINTA, 05 DE NOVEMBRO

PARECIDOS COM O AMOR

*“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.” (1 Coríntios 13.4-6)*

Temos muitas razões para a impaciência, mas o amor é sempre paciente. Nem sempre somos bondosos. Mas o amor é, e tudo que faz visa o bem. Quem jamais sentiu inveja? Quem jamais agiu ou sentiu como se fosse o que não é, gloriando-se em algo que não lhe dava esse direito? Vangloriando-se? O amor não inveja e não se vangloria. Orgulho não o caracteriza e nem ocasionalmente se manifesta. Mas nós somos presas fáceis para ele. Até humildemente conseguimos ser orgulhosos. O amor não trata mal, mas nós tratamos! Dependendo do dia, tratamos mal com muita facilidade! O amor não se apega aos próprios interesses como forma de orientar a vida. Nós nos orgulhamos em dizer que sabemos muito bem o que queremos e facilmente só temos tempo para o que nos interessa.

O amor não anda com a ira na mão direita, pronto para manifestá-la. Quando ofendido, ferido ou traído, é capaz de perdoar verdadeiramente, pois não guarda rancor. Vingança não é uma opção para o amor e nem se sente tentado a ela. O amor anseia pelo que é justo e jamais se beneficia ou se alegra com a injustiça. Sua alegria está na verdade. Mas nós... O que o amor é naturalmente nós, em nossos melhores momentos, mas não em todos, conseguimos ser. Paulo descreve o amor como se ele fosse uma pessoa, atribuindo-lhe qualificações, adjetivando-lhe a existência. Segundo João, o amor se personificou. Deus é amor. Não saberíamos quem o amor é se Deus não se manifestasse a nós. Quando o Verbo virou gente e habitou entre nós (Jo 1.14) o amor pisou a poeira da terra e deu-se a conhecer aos homens. Personificou-se!

E aí ficou clara a dimensão da transformação de que necessitamos para a vida no Reino. Uma transformação que outra palavra, se não “morte”, seria pouca para esclarecer. Mas se morrêssemos, seríamos perdidos, então “Cristo morreu a nossa morte para vivermos Sua vida”. E agora podemos seguir sendo transformados, na medida em que cremos e nos entregamos. Cremos e obedecemos. Cremos e servimos. E tudo devemos fazer em busca de fazer tudo por amor. Pois no Reino do nosso Salvador, sem amor, sem valor. Temos uma dívida de amor da qual devemos nos ocupar (Rm 13.8) e no caminho para saldá-la, devemos fazer o bem a todos, enquanto temos oportunidade (Gl 6.10). Que ambicionemos ser mais parecidos com o amor. Ele é o que de mais divino se manifesta na vida humana! É por amor e em amor que se vive no Reino de Deus.

ucs

SEXTA, 06 DE NOVEMBRO

A DISPOSIÇÃO DO AMOR

*“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1 Coríntios 13.7)*

O amor parece não ter limites na linguagem de Paulo. Os “tudos” que ele nos apresenta são desafiadores demais. É certo que podemos sofrer alguma coisa. Podemos crer bastante e podemos suportar muito. Mas “tudo” é demais. Ao ler este texto, lembro-me de outro, escrito para os irmãos de Tessalônica: “Alegrem-se sempre. Orem sem cessar. Deem graças em tudo, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.” (1 Ts 5.16-18) O “sempre”, o “sem cessar” e o “em tudo” também parecem demais! Alegrar-se, orar e ser grato, tudo bem. Mas nessa medida?! Pelo menos uma coisa deveria ficar clara para nós: somos incompetentes para corresponder aos padrões do Reino de Deus.

O verdadeiro desafio do Reino é o amor, a Deus e ao próximo. Tudo precisa ser por amor e sabemos que isso torna tudo um grande desafio. Isso deveria nos fazer mais humildes e menos atrevidos no julgamento e rejeição ao nosso próximo. Até que fôssemos capazes de amar como de nós é requerido, não deveríamos nos sentir “os tais”. E alcançar tal padrão no amor, certamente não nos levaria a nos sentirmos “os tais”. Isso, por causa do amor, não faria o menor sentido para nós! Não deveríamos nos gloriar de nada, diante do fato de que fomos incluídos num Reino pela graça e dele não somos expulsos, também pela graça. Nossa glória (ou confiança) não deve estar em nada, senão na cruz de Cristo (Gl 6.14), pois é o sinal do amor de Deus por nós. E gloriando-se nela, devemos seguir aprendendo a amar.

O amor nos dá razões e forças para sofrer, esperar e suportar o que não sofreríamos, esperaríamos e suportaríamos sem ele. É ele que nos leva além de nós mesmos. Precisamos de mudanças, de aperfeiçoamento, de honrar mais a Deus com nossa vida, e o caminho, o único caminho viável, é amando. Sem amor, sem valor. Línguas, profecias, conhecimento, fé milagrosa, sacrifício, tudo é nada. Por isso, não se glorie de sua própria retidão, de ser alguém justo a seus próprios olhos, de não ser “como os demais” (Lc 18.11). A honra dos que seguem a Cristo está no amor recebido e ofertado. Há algum passo a mais que você pode dar, por amor? O amor nos torna sinais do Reino. E isso não alimenta o ego. Alimenta a disposição para sofrer, esperar e suportar.

*ucs*

SÁBADO, 07 DE NOVEMBRO

ESCOLHA AMAR

*“O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. (...) Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.” (1 Coríntios 13.8 e 13)*

O amor, por tudo que vemos descrito nas Escrituras e comprovamos nas promessas e atitudes de Deus nela registradas, é uma escolha. Envolve muitas coisas, mas é, sobretudo, uma escolha. Por isso o amor nunca perece. Mesmo diante da possibilidade de terminar, o amor escolhe seguir em frente. E, aconselhados por ele, nossa vida produzirá frutos para o Reino Eterno. Não me refiro aos conselhos do amor de dois apaixonados, em que conta tanto o encantamento, o sentimento arrebatador. Mas a algo mais definitivo, maduro e abrangente. Refiro-me ao amor de raízes divinas, presente no mandamento que é o fundamento de todos os outros e o teste final da fé.

O amor pode ter diante de si uma estrada difícil, um caminho desafiador, uma subida íngreme ou uma decida escorregadia, mas sempre dá mais um passo no cumprimento de seu propósito. Sempre escolhe fazer o bem, escolhe o perdão e a paciência. Diante da inveja ele toma fôlego e lhe pronuncia um sonoro “não”! À vanglória e ao orgulho ele persistentemente recusa dar espaço. O amor, por mais provocado que seja e diante da oportunidade oferecida, como dizemos, de bandeja, para maltratar, escolhe outro caminho. Não é de seu feitio maltratar. Ele é forte o bastante para não se irar facilmente e bastante sábio para não guardar rancor.

Mesmo sofrendo injustiça, mesmo ferido pela maldade do inimigo, ele não fica amargo. Não abre mão de valores e por isso, definitivamente, não se alegra com a injustiça. O amor só se sente bem em face da verdade e, como ela, prevalece. Depois de tudo ele ainda estará lá. Assim é amor. Diante das muitas circunstâncias, dos muitos desafios e dos testes que a vida nos proporciona, se ouvirmos o convite do amor e o seguirmos, será assim o caminho que trilharemos. Com ele triunfaremos e, depois de tudo, adoraremos. Ofereceremos Àquele que é Amor os frutos de amor produzidos nos terrenos, ainda que pobres, da experiência humana. Se há algo que tem futuro são as atitudes amorosas. Sejamos pródigos em oferece-las pois é esse o mandamento que recebemos. Que vivamos sob o exemplo do amor e aprendamos com Aquele que é Amor.

ucs

DOMINGO, 08 DE NOVEMBRO

CORAGEM PARA VIVER

*"Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu pai há muitos aposentos...” (João 14.1-2a)*

O Evangelho de Jesus é uma mensagem de encorajamento para vivermos a vida, mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras. Jesus nos fez muitas promessas e uma delas diz respeito ao céu. O Evangelho de Jesus nos fala do céu, de uma nova vida, em novas condições. Ao contrário desta, marcada por injustiças, tristezas, lágrimas, doenças e sobressaltos, aquela será sem lágrimas e sem sustos. A palavra céu à luz da fé e do Evangelho indica alegria, leveza, vida plena. Para alguns a céu significa apenas o espaço onde movem-se os astros e seu sinônimo é firmamento. Para os que creem em Cristo significa a morada do Altíssimo, a presença singular de Deus, e seu sinônimo é felicidade.

No Evangelho o céu não é um convite à fuga da terra, indicando a morte como a melhor saída para vida. É, ao contrário, um incentivo para vivermos a vida corajosamente. Não precisamos submeter nosso coração à experiência de precisar lidar com cada circunstância como se disso dependesse tudo. É lembrar-se sempre de que há um Deus por perto e que nos ama. Somos chamados a crer em Deus e em Jesus. Somos chamados a lembrar que aqui não está tudo. Há mais, muito mais do que apenas o que podemos ver e tocar. Mais do que o que vemos nesta vida, a que o salmista chamou de curta, ligeira e cansativa (Sl 90.10). Jesus veio nos falar que há um céu. Mais que isso, Ele nos disse como chegar lá. Mais ainda! Na verdade, Ele o trouxe a nós.

Uma das ideias de céu no contexto de fé, independente da religião, é que nele vivem os deuses. O salmista cantou “O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada.” (Sl 115.3). Mas, em Jesus, Deus habitou entre nós e revelou sua glória (Jo 1.14). O céu foi visto na terra pois, na verdade, sempre esteve nela. Deus nunca nos deixou sozinhos! Ele sempre esteve por perto. O céu não é um sonho, mas um despertar da ilusão. O céu não é algo como “deixe a vida de lado pois o que serve mesmo vem depois”, mas um “viva com coragem a vida pois você já tem um futuro garantido”. Porque Jesus nos dá o céu, podemos viver com coragem e segurança nossa vida na terra! Por isso, não se deixe perturbar.

*ucs*

SEGUNDA, 09 DE NOVEMBRO

CASA PRONTA

*“Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver.” (João 14.2-3)*

A ideia de céu na fé cristã anuncia que a morada de Deus torna-se a morada dos homens, na medida em que a morada dos homens, torna-se a morada de Deus (Ap 3.20). Deus habita conosco para que nós possamos habitar com Ele. Mas não se trata de uma troca. É uma capacitação. O Evangelho de Jesus nos anuncia que há vagas para homens na morada de Deus. Na cultura oriental receber em casa é sinal de comunhão. Em nossa cultura, muitas vezes, é apenas uma atitude de educação, com implicações muito menos sérias. Alguém pode vir à nossa casa e nunca mais voltar, mas não é assim com a casa do Pai de Jesus. Ele não recebe visitantes, apenas familiares. Não aceita turistas, apenas residentes.

Jesus nos trouxe a notícia de que o Reino de Deus veio a nós para nos fazer cidadãos dos céus. Residentes temporários da terra, pessoas destinadas à eternidade. Não como uma forma de enfraquecer nossa vida aqui mas, ao contrário, como forma de fortalece-la e lhe dar sentido verdadeiro. As incertezas daqui e a inevitabilidade da morte nos tornam inseguros para a vida. A ilusão de que aqui está tudo, nos confunde. Mas a segurança de que há lugar para nós com Deus e a visão do lado eterno da vida nos tornam mais sábios para nossos apegos, escolhas, princípios e valores. Saber que vamos “para lá” nos ajuda a pensar melhor sobre as lutas que temos aqui e os investimentos que mais importam. É uma possibilidade de lucidez neste mundo que vive mergulhado em tanta insensatez.

Antes de dizer que há muitos aposentos na casa do Pai, Jesus disse: “creiam em mim”. E depois de dizer que há muitos aposentos, acrescentou: “se não tivesse espaço bastante para vocês eu lhes teria dito”. Há espaço na casa de Deus para nós. A questão é: há espaço na nossa para Deus? Há espaço em nossa vida, em nossa agenda, em nossas prioridades, em nossos objetivos e anseios? Na verdade, ninguém vai para o céu, exceto aqueles para quem o céu já veio a eles. Não se encontra com Deus depois da morte, mas antes dela. É com esses que Deus, no céu, viverá. Jesus disse que se fosse e preparasse lugar, voltaria para nos buscar. Ele foi. Os lugares estão prontos. Não duvide: Ele vai voltar!

*ucs*

TERÇA, 10 DE NOVEMBRO

DEFINITIVAMENTE JESUS

*“Respondeu Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.” (João 14.6)*

Para nós nada poderia parecer mais complicado do que a promessa do céu ser alicerçada numa pessoa e não em algo, como uma regra ou um tipo de obra a que pudéssemos nos dedicar. Isso faria mais sentido para nós e justamente por isso é que, a partir de nossa própria lógica, do que nos parece mais razoável, adotamos sistemas religiosos e de fé que nos indicam o que fazer e prescrevem caminhos que nós próprios pensamos poder trilhar para lidar com Deus e com a eternidade. Mas na fé cristã a conversa é outra. Ela, de certa forma, nos humilha porque nos declara incapazes para encontrar e trilhar o caminho. Ela declara que o Caminho veio a nós. Ele é uma pessoa, que também é a verdade e a vida. Não somos competentes, precisamos ser guiados. Por isso o céu veio a nós. Sem isso, não chegaríamos a ele.

Há quem não creia em qualquer ideia sobre a continuidade da existência após nossa vida aqui. Parece que o número dessas pessoas está crescendo, pelo menos é o que indicam pesquisas. Nossa superficialidade existencial está nos afastando do encantamento com a vida, está anestesiando ou tornando raso o incômodo a respeito do sentido da existência. As pessoas desistem facilmente da eternidade e justificam-se da desistência pela falta de certezas a respeito. Outro fato é que a ideia de céu e de Deus está sendo corroída pela banalização da vida e o crescimento da maldade e do desamor. E talvez muito mais, pela mercantilização da fé. Mas há na humanidade uma certa reserva de fé e de sentido naqueles que confiam em Jesus. Nos que ouviram seu convite: “creiam em Deus; creiam também em mim” (Jo 14.1)

É possível a um ser humano saber sobre o caminho, sobre a verdade e sobre a vida. É possível a um se humano aprender formas de relacionar-se com Deus. Mas Jesus declarou: eu sou o caminho, a verdade e a vida. E: ninguém “vem” ao Pai, a não ser por mim! Essa declaração de Jesus exige mais de nós que apenas disciplina para certas obras ou inteligência para certo conhecimento. Exige uma fé que muda tudo, colocando-nos na contramão da multidão. Não uma fé cujo sentido é obter bênçãos, receber algo. Mas uma fé cujo sentido está na obediência, na entrega da vida a Cristo. A ideia central dessa fé é entregar e não, receber. Nela Jesus é o centro e não nós e nossas vontades. Tudo depende dele. Isso é incomodo para quem espera sempre estar no controle. Por isso muitos desistem e muitos outros, nem sequer, verdadeiramente tentam. Mas, para todos que creem, o céu envolve a vida e a vida toma novo rumo.

*ucs*

QUARTA, 11 DE NOVEMBRO

JESUS, DEUS E NÓS

*“Disse Filipe: ‘Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta’. Jesus respondeu: ‘Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: Mostra-nos o Pai?’” (João 14.8-9)*

Filipe, como um judeu, certamente conhecia a história de seus antepassados. O Antigo Testamento e as tradições dos anciãos. Conhecia, sem dúvida alguma, a história da libertação do Egito e Moisés, um dos maiores líderes de sua nação, alguém que falou com Deus face a face (Nm 12.8). E, de repente Jesus fala sobre conhecer a Deus (Jo 1.7). Diz que se eles o conhecessem verdadeiramente, conheceriam o Pai. Talvez Filipe tenha visto nisso uma grande oportunidade: poder ver a Deus, como Moisés viu! “Jesus nos faça ver o Pai, isso nos basta! Para nós será o máximo!” A resposta de Jesus talvez não tenha agradado: “Quem me vê, vê o Pai.”

Jesus, de fato, não se parece com Deus. É simples demais, é servo demais, é amoroso demais. Não se dava ao respeito, mas envolvia-se com gente pobre, simples e “pecadora”. Não reivindicava poder, nem mesmo assumiu o controle do templo! Mas, contra toda lógica, contra toda razoabilidade, ali estava a mais perfeita manifestação de Deus aos homens. “O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser” (Hb 1.3). “Filipe, não há nenhuma outra possibilidade de conhecer o Pai, senão conhecendo a mim! Ninguém vem ao Pai, Filipe, senão por mim! Mostrar o Pai a vocês é tudo que tenho feito e vocês não conseguem perceber!” – é o que Jesus estava dizendo a Filipe.

Paulo disse que Jesus era loucura para os gregos e escândalo para os judeus (1Co 1.23). Loucura porque contradisse a lógica, a razoabilidade. Escândalo porque enfraqueceu demais o grande Deus que tinham em mente! O que Ele é para nós? Dois mil anos depois Ele parece ser ainda mais loucura e escândalo do que no início. A simplicidade da fé nos parece pouco demais. Parece haver alguma coisas errada com a graça que Ele nos trouxe. Ainda estamos apaixonados pela Lei. É difícil aceita-lo como Ele é, não porque nos pareça demais, mas porque nos parece pouco! O mandamento que nos entregou (amem a Deus mais que tudo e ao próximo como a si mesmos), não é prioridade. Estamos obcecados ainda por “ver Deus”, receber bênçãos, ter autoridade, e tantas outras coisas que mais relacionam-se com nosso ego do que com o Reino de Deus. E nem nos damos conta! “Creiam em Deus; creiam também em mim”, disse Jesus. Quando vamos realmente crer?

*ucs*

QUINTA, 12 DE NOVEMBRO

FÉ, AMOR E OBEDIÊNCIA

*“Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele.” (João 14.21)*

Como podemos amar a Deus? Deveríamos nos ocupar mais desta pergunta pois o grande mandamento está relacionado a isso: amar a Deus. E amá-lo, não de qualquer forma, mas no superlativo: envolvendo todo o coração, toda a alma e todo o entendimento (Mt 22.37). Jesus perturba ao dizer que quem ama qualquer pessoa, ainda que pai, mãe ou mesmo filho ou filha, mas do que a Ele, não é digno dele (Mt 10.37). Mas como não dizer isso se Ele é o “Deus Conosco” e a Deus devemos amar no superlativo?! É sobre esse mandamento que Ele estava falando! E como mostramos o quanto amamos? Pela obediência. Nem toda obediência é amorosa, pois podemos obedecer sem amor, por medo ou interesse, por exemplo. Mas o amor a Deus sempre nos levará à obediência a Deus.

Por isso devemos compreender que nossa dificuldade em obedecer explica-se por nossa falta de amor. Não se trata do quanto somos fortes ou fracos, mas do quanto amamos ou não. Depois de ser traído por Pedro, Jesus não lhe perguntou se havia aprendido a lição e agora estava mais forte. Ele perguntou: “Pedro, você me ama?” (Jo 21.15). Seria o amor que lhe firmaria os passos e nada mais. Está ai nosso grande desafio: amar a Deus. Ele não vai nos ameaçar e nem impedir nosso caminho quando quisermos desobedece-lo. Ele vai nos respeitar e esperar por nosso amor. Seu incentivo para nós é Sua graça e amor oferecidos sem garantia de que corresponderemos. Muitas sementes se perdem, mas Ele persiste em semear.

Mas, se amarmos e isso se revelar em nossa obediência conheceremos o amor de Deus em um novo nível. “*Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele”* disse Jesus. É no amor que a vida cristã acontece e esse acontecimento chama-se “comunhão”, vida partilhada entre Deus e seres humanos! E este amor nos envia uns aos outros pois a obediência a Deus nos levará ao amor ao próximo. Se não for assim é porque nossa obediência não foi por amor, mas por outra razão. Obedecer por amor leva-nos também a um profundo senso de pertencimento, fazendo crescer em nós a certeza de que estamos “nas Mãos de Deus” e que nada pode nos tirar de lá. É o céu vindo a nós e nos habitando, antes de podemos nele habitar. É assim a fé cristã: amor que leva à obediência e fortalece a comunhão entre Deus e pessoas e de pessoas entre si. No mais, é pura religião, cheia de ritos e vazia de vida.

*ucs*

SEXTA, 13 DE NOVEMBRO

FÉ CRISTÃ E VIDA CRISTÃ

*“Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos nele morada.” (João 14.23)*

O alvo da experiência cristã, antes de ser o de levar o fiel a morar com Deus ou, na linguagem religiosa, ir para o céu, é possibilitar que Deus venha morar com o fiel. E então o fiel torna-se o templo de Deus e sua vida o lugar onde Deus deve ser cultuado. Foi essa a compreensão do apóstolo Paulo. Ele afirmou aos cristãos de Corinto: vocês são o templo de Deus (1 Co 6.19). E aos de Roma ele disse: cultuem a Deus com a vida de vocês (Rm 12.1-2). Enquanto não entendemos isso, os templos que construímos e nos quais nos reunimos, em lugar de promover melhorias em nossa espiritualidade a tornará adoecida. Em lugar de apoiar a comunhão, com Deus e com as pessoas, será um obstáculo a ela. Em lugar de nos ajudar no serviço a Deus, substituirá Deus em nossas vidas.

Segunda a fé cristã devo servir na obra de Deus, mas segundo esta mesma fé é fundamental que a obra que Deus seja feita em mim (Fl 1.6). Jesus prometeu que Deus nos atenderia, mas não podemos nos esquecer que crer é, sobretudo, atender a Deus. A oração que mudou a história foi feita por Jesus e nela o alvo não foi conquistar do Pai o que queria, mas fazer a vontade do Pai: “Não seja como eu quero, mas como Tu queres” (Mt 26.39). É essa a oração que pode mudar nossa vida! A vontade do Pai é que amemos, pois é o amor o grande mandamento. Amor a Ele mesmo, mais que a qualquer pessoa ou coisa, e ao próximo como a nós mesmos. A fé cristã nos coloca diante da vontade de Deus e só é verdadeira se levamos à sério o que Jesus nos ensinou, imitando-o em nosso modo de vida. Isto envolve servir, priorizar o Reino de Deus, perdoar, crer, confiar, negar-se e tantas outras coisas. E todas elas, por amor.

É assim a experiência cristã: conhecer o amor de Deus. E é no exercício de amar que se conhece o amor. É assim também que experimentamos verdadeiramente a comunhão com Deus – “nós viremos a ele e faremos nele morada”! Mas quem pode entender isso?! É um mistério profundo demais para nós. A vida cristã tem mistérios e eles não dizem respeito a milagres e manifestações sobrenaturais que causam admiração em tantos! O grande mistério da fé cristã é Deus habitando pessoa e fazendo-as novas, de um tipo que sabe amar e servir. Um tipo humilde, acolhedor, pacificador e cheio de misericórdia! Gente cujos pecados foram perdoados e é essa sua credencial. Isso é o que deve de fato causar admiração. Qualquer outra coisa, ainda que grande aos nossos olhos, é apenas presunção espiritual e completamente vazia de sentido para Deus.

*ucs*

SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO

PAZ AO ALCANCE DE TODOS

*“Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbem os seus corações, nem tenham medo.” (João 14.27)*

Estar em paz é uma dádiva maravilhosa. Perder a paz é um grande prejuízo. Todos podemos ter paz por causa de Jesus. Para estarmos em paz precisamos de dele e para nos dar paz Ele nos chama a segui-lo. “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas.”(Mt 11.29). Nessa questão de ter paz precisamos entender que nossas atitudes contam. Se agirmos de forma impulsiva, irresponsavelmente, se nos negarmos a perdoar, se faltarmos com a palavra ou se negarmos nossos valores, é bem provável que perderemos a paz. Neste mundo podemos enfrentar circunstâncias que também podem nos tirar a paz. Mesmo as pessoas mais corretas e piedosas passam por isso. Algo pode tirar a nossa paz, mas Jesus nos deixou a Sua paz e ela está ao alcance de todos!

A maneira como Jesus nos dá a Sua paz é diferente da maneira como o mundo nos leva a sentir paz. A paz daqui depende de que tudo “se encaixe” ou esteja a favor. Depende muito do que temos e do que podemos. A paz que Cristo dá é diferente. Ela fundamenta-se no ser, não se ter ou no poder! Ela se estabelece a partir de quem estamos nos tornando e de quem Deus é para nós. Também importa quem somos uns para os outros. É uma paz relacional, que tem a ver com amor. Jesus nos dá a paz ensinando-nos a confiar em Seu amor e a amar e cuidar uns dos outros. A paz dele nos chega de vários modos. Pela oração, quando lhe entregamos nossas ansiedades (Fl 4.6); pela presença e cuidado que damos e recebemos; pelo perdão e amor que damos e recebemos; pelo apoio e compreensão que damos e recebemos; e de tantas outas formas. Todas relacionais! Na comunhão temos paz.

A paz de Jesus é a paz de Sua presença. Ele disse aos discípulos que nunca os deixaria sozinhos (Mt 28.20) e isso vale para nós também, se o seguimos. Ele é o nosso Pastor, que está conosco sempre, não importa se estamos nos pastos verdes de fontes tranquilas ou se no vale de sombra e morte (Sl 23). A paz de Sua presença é uma paz que dá segurança interior mesmo diante da ameaça exterior (Fl 4.7). É um sentimento de que, mesmo diante do mau, tudo vai ficar bem. Porém, é mais que um sentimento. É uma certeza que guia o sentimento. Uma certeza que Paulo assim expressou: “eu sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.” (2 Tm 1.12). A paz não precisa faltar! Jesus nos deixou a dele!

*ucs*

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

ESPIRITUALIDADE

*“No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura.” (João 4.23)*

Espiritualidade é um tema que saiu dos círculos religiosos e agora transita livremente nos ambientes acadêmicos e empresariais. E isso é muito bom. Temos muito a aprender sobre espiritualidade. Mesmo pessoas como nós, religiosas, que lidam com ela há tanto tempo. A espiritualidade tem sido explorada e há um anseio por compreende-la. Há muitos ensinos oferecidos, nem todos convergentes. Como sobre tudo mais, há verdades e mentiras sendo ditas. Para nós, cristãos, vem de Jesus e das Escrituras o que é verdade sobre ela, embora possamos, a partir disso, aprender outros aspectos. Nas Escrituras ela é ilustrada pelo coração, de onde procedem todas as saídas da vida (Pv 4.18). Jesus, em certo momento, toma os olhos como imagem dela e diz: “se seus olhos forem maus, todo seu corpo estará em trevas” (Lc 11.34b).

Jesus ensina que a espiritualidade é a verdadeira imagem de quem somos. É nossa essência, vale mais que nossa materialidade. Tanto que, se precisarmos perder na materialidade para ganhar na espiritualidade, compensa (“se sua mão o faz pecar...” Mt 5.30). Podemos manipular nossa materialidade, mas não nossa espiritualidade. Ela não pode ser mascarada, disfarçada, artificialmente melhorada. Ela pode ser adoecida e ferida, bem como curada e restaurada. Pode crescer em saúde e vigor e pode perder ambos. E Jesus nos disse que é com essa nossa verdadeira identidade que o Pai se relaciona. Ele não se impressiona com o que mostramos exteriormente, com nossos discursos e orações bem elaboradas. Ele sabe quem somos e é com quem somos que Ele lida. Ele vê além dos atos. Vê as motivações e as julga. As pessoas que desfrutam comunhão verdadeira com Ele o fazem neste nível de suas vidas. Ele não é dado a superficialidades.

“Quem vê cara não vê coração!”. Esse dito não se aplica ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Ele sempre vê o nosso interior e não aceita de nós nada menos que nossa verdadeira identidade. Ele quer nos transformar. Sua premissa é: “quando os olhos forem bons, todo o seu corpo estará cheio de luz” (Lc 11.34a). Nosso verdadeiro problema está em nosso interior, nossa enfermidade mais séria está em nossa espiritualidade. Não temos recursos para, sozinhos, resolver o problema. Precisamos do Pai dos espíritos. Deus nos amou e nos enviou Jesus para que, pela fé nele, sejamos ajudados! Crê em Jesus quem se submete para ser refeito e vir a ser uma nova criação (2Co 5.17). Isto envolve princípios, valores, atitudes e visão da vida. Podemos saber o que nossa espiritualidade é, mas somente Deus, por meio de Cristo Jesus, pode fazer alguma coisa definitivamente boa por ela!

*ucs*

SEGUNDA, 16 DE NOVEMBRO

NOSSAS BOAS OBRAS

*"Tenham o cuidado de não praticar suas ‘obras de justiça’ diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial.” (Mateus 6.1)*

Quando pensamos em espiritualidade, pensamos em coisas elevadas, pensamos em valores e princípios como bondade, ética, honestidade, humildade... E é o que realmente deve caracterizar nossa espiritualidade! Ela é a verdade sobre nós e essa verdade deve revelar algo que receba aprovação de Deus. Mas nossa espiritualidade pode ser escrava de vícios! E mesmo fazendo algo bom, praticando uma boa ação, podemos torna-la sem valor, dependendo das intenções que nos movem. E assim, depois de tanto fazer, nada termos feito aos olhos de Deus. Por isso Jesus ensina sobre alguns cuidados que devemos ter com nossas intenções, com o que motiva nossas ações, com nossa espiritualidade. Nossas boas obras, que poderiam ter grande valor, podem não ter qualquer valor aos olhos de Deus se nossa espiritualidade for, na verdade, carnalidade.

Na sociedade que formamos as atitudes que produzem resultados tendem a ser totalmente reprovadas por Deus. De olho em vantagens, fingimos amizades; classificamos e separamos as pessoas e preferimos as importantes, as belas, as que tem poder. Às demais toleramos de alguma forma que nos pareça digna. Afinal, não somos tão maus assim! Até conversamos com elas “como se fossem como nós”. Formamos uma sociedade em que até o bem pode ser feito por más intenções. Um lamentável paradoxo! É a isso que Jesus está combatendo. Ele não nos quer demonstrando uma espiritualidade que seja apenas uma forma disfarçada de carnalidade. Ele usa como exemplo o que via diariamente entre os religiosos judeus: esmolas, ofertas, orações e jejuns sendo feitos apenas como forma de se obter prestígio religioso. Eles queriam impressionar. Normalmente quem quer impressionar pessoas, decepciona Deus.

Estamos sujeitos ao mesmo pecado. Por isso Jesus pede para termos cuidado. “Evitem dar publicidade à sua bondade. Não anunciem o bem que fazem, não façam da virtude um vício. Deem esmolas com a mão direita e não deixem a esquerda saber.” Jesus sabe que o ego humano é irremediavelmente viciado em querer ser deus. Ele não perde uma boa oportunidade de receber louvor ou conquistar poder! O orgulho, a presunção e a vaidade colocam em risco até mesmo as marcas da humildade – podemos nos mostrar humildes por puro orgulho! Precisamos negar espaço ao ego e aprender a amar, servindo a Deus e às pessoas por amor, e não por interesse. Aí nossa espiritualidade não se revelará carnalidade. Não há virtude em servir a nós mesmos enquanto dizemos servir o próximo. Que tenhamos cuidado e busquemos a Deus para que nos livre desse pecado.

*ucs*

TERÇA, 17 DE NOVEMBRO

CUIDADO COM A VISIBILIDADE

*"E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa.” (Mateus 6.5)*

Quanto mais formalidades em nossa religiosidade (e é difícil que não haja formalidades), maior o risco que corremos de nos desviar do propósito que deveríamos honrar. Maior o risco de fazemos o que é certo e bom pela razão errada. No caso dos judeus, havia a formalidade da oração pública e nas reuniões nas sinagogas. Não era qualquer judeu que as fazia! Normalmente era um certo grupo dominante de religiosos. Eram os donos da palavra. E participar do programa era motivo de vaidade pessoal e influência religiosa. Nessas condições a oração poderia ficava em segundo plano. O orador se tornava mais importante e a oração servia ao ego. Usar certas palavras e impressionar tornava-se facilmente um objetivo. Jesus viu isso acontecer muitas vezes e combateu, chamando-os de hipócritas. Seus motivos não eram o que suas atitudes aparentavam.

Todo sistema religioso tem sua hierarquia e seus valores. Valorizamos certos comportamentos, certas formas de vestir e há uma certa imagem que se encaixa no que imaginamos corresponder ao adequado para um crente, alguém correto e bom. Para alguns, uma pessoa tatuada não se parece com um cristão verdadeiro. E para outros um pastor que se veste de forma casual não parece honrar de verdade o papel que deve cumprir. São nossas formalidades. Por outro lado há também a possibilidade de, independente do modo como nos vestimos, sermos movidos por orgulho, fazendo da religião um palanque para nossa vaidade. De ocuparmos certo lugar por orgulho, centrados na própria imagem. Um pastor pode ser zeloso para pregar bem no domingo, mas não por amor às pessoas e a Deus. Pode estar a serviço do ego. Parece que estamos sempre a um passo do desvio. Por isso Jesus adverte: tenham cuidado para não serem como os hipócritas!

Se queremos andar com Deus e servi-lo de coração, precisaremos colocar o ego no devido lugar e superar o mal, especialmente o que vem de dentro. Os desvios podem ser muito sutis, fáceis de encobrir e difíceis de serem diagnosticadas. Mas nossa vaidade e egoísmo disfarçados por nossa religiosidade não passam despercebidos por Deus. Para que nossa espiritualidade não se desvirtue em carnalidade, precisamos de Deus. Precisamos buscar o quebrantamento e humildade na comunhão com o Espírito Santo. Se nossa religiosidade é cheia de formalidades ou se é de um tipo mais simples, não importa, corremos riscos sem a ajuda constante do Espírito Santo, que nos sonda e conhece. E quando há motivos ocultos em nossa espiritualidade, não há outro diagnóstico adequado além do de Jesus: somos hipócritas. Tenhamos cuidado!

*ucs*

QUARTA, 18 DE NOVEMBRO

ORAÇÃO

*“E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem.” (Mateus 6.7-8)*

Para andarmos com Deus devemos orar, mas não de qualquer maneira. A oração é um importante exercício espiritual e de fé. Seu propósito é o amadurecimento espiritual e não a obtenção de benefícios. Na fé cristã a oração é uma conversa pessoal e verdadeira com Deus. “Quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai”(Mt 6.6), disse Jesus. Oramos a Deus que é para nós um Pai amoroso e próximo – esse é o ensino de Jesus. Justamente por isso a oração não deve ser um método ou um rito. Não deve seguir o padrão da repetição e da impessoalidade. Não deve ser uma forma de extrair de Deus o que se deseja. Isso seria um desrespeito e um desvio.

Jesus afirma que nosso Pai Celeste já sabe o que precisamos, antes mesmo de pedirmos. Ele sabe o que precisamos e o que achamos que precisamos. E uma coisa pode ser bem diferente da outra! Por isso nem todo pedido nosso será aceito. Nossos desejos podem e devem ser apresentados a Deus em oração, mas devemos, acima do que desejamos, querer que Deus nos responda segundo a Sua vontade. Devemos estar abertos e receber o “não” de Deus com respeito e gratidão. Normalmente tememos essa resposta, mas não devemos! Veja o que Jesus disse: “Ele sabe o que vocês precisam”. Orar deve ser um relacionamento que fortaleça a nossa confiança na vontade de Deus como o melhor para nossa vida! Ele sabe o que precisamos e será ótimo para nós que seja feita Sua vontade.

O mais importante na oração não é a possibilidade de pedir para receber. Até porque podemos nem receber o que pedimos! Muitos tem feito da oração um balcão de pedidos e desejado uma fé poderosa, que faça as coisas acontecerem. Mas Deus não faz esse jogo. Fé não é para isso! A fé tem mais a ver com levar-nos a fazer a vontade de Deus do que levar Deus a fazer a nossa vontade! Por isso devemos buscar na oração mais submissão a Deus, mais confiança em Seus propósitos para nossa vida e gratidão por Sua vontade. Ela deve mudar nosso coração e nossa visão, tornando-nos mais amorosos, pacientes e seguros quanto ao futuro. A oração de fé, muito mais que uma forma de receber bênçãos, deve fazer de nós uma bênção. Que seja esse o resultado de sua vida de oração.

*ucs*

QUINTA, 19 DE NOVEMBRO

UMA ORAÇÃO PARA APRENDER A ORAR

*“Vocês, orem assim: ‘Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém’.” (Mateus 6.9-13)*

Antes de ensinar essa oração, Jesus afirmou algumas coisas sobre o que uma oração não deveria ser. Não deveria ser uma forma de se projetar como religioso, orando para que outros fiquem impressionados. Dentro da comunidade de fé há tanto espaço para orgulho (e tanto orgulho) quanto em qualquer grupo social. Por isso, Ele disse: tenham cuidado. Não deveria ser um rito (repetições) e também não deveria ser um método para ser atendido por Deus. Jesus disse que Deus sabe muito bem o que precisamos. Por outro lado, ensinou que a oração deve ser íntima e pessoal. Uma forma de relacionamento entre nós e Deus. E no modelo que ensinou aos discípulos, Jesus expos o caráter da oração cristã. O seu mais profundo sentido.

Encontramos nessa oração as razões da oração na fé cristã. Em algum momento podemos orá-la usando as mesmas palavras, mas devemos entender que o “orem assim” de Jesus, significa mais que apenas “usem essas palavras”. Significa que devemos orar buscando a vontade de Deus, o Pai, para que ela se realize, pois não tem sido feita como deveria e é o melhor fruto que podemos ter da nossa oração. Devemos orar para crescermos na consciência de que é por Deus e segundo Sua vontade que seremos verdadeiramente satisfeitos em nossas necessidades. Há outras fontes e formas, mas devemos depender de Deus. Que venha dele o nosso pão diário.

Devemos orar cientes de que não podemos amar a Deus e não amar o próximo! Devemos pedir a Deus o perdão e estar prontos a dar o perdão a quem precise do nosso. A relação com o Pai é confirmada pela relação com o próximo. Neste mundo mal, devemos orar para que Deus nos guarde do Maligno. Só assim viveremos de forma digna. A autossuficiência que nos leva a julgar e condenar não é cristã. É mundana e hipócrita! Quem ora a Deus deve ser humilde e bondoso com os homens. Devemos orar para que jamais nos esqueçamos de que toda glória, honra e poder pertencem a Deus. Afinal, em nossa fraqueza, sofremos da mania de deus. Na oração de Jesus, quem ora deve ser transformado pela oração que faz. Alguns pensam na oração que “move Deus”. Jesus nos ensina a oração que nos move em direção a Deus. E é assim que devemos orar.

*ucs*

SEXTA, 20 DE NOVEMBRO

DEUS-EU-VOCÊ

*“Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas.” (Mateus 6.14-15)*

Este é um verso questionador de nossa religiosidade e, porque não dizer, de nossa teologia? Ele incomoda, porque coloca as coisas numa ordem estranha. Para nós não faz muito sentido essa ideia proposta por Jesus, que coloca o perdão que recebemos de Deus na dependência do perdão que damos ao nosso próximo. Nosso entendimento da fé não prescreve algo assim. Faz mais sentido o contrário! Na medida em que somos perdoados por Deus ficaria então algo como um dever para nós (não uma obrigação!): o de perdoar uns aos outros! Porém Jesus se expressou de outra forma. E não deveríamos estranhar esse Seu posicionamento, pois Ele não o fez uma única vez. Ele sempre falou do amor a Deus e ao próximo como uma só expressão de fé.

Em Mateus 25, na sequência de parábolas sobre o final dos tempos (Dez Virgens, Talentos...), Jesus falou de um juízo em que o critério será o que tivermos feito uns aos outros. Ele “se confunde” com o próximo com quem nos relacionamos e a quem devemos amar e servir: “o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram” (v.40), e “o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo”(v.45). O princípio é o mesmo: não há amor a Deus sem amor ao próximo e não há serviço a Deus sem serviço ao próximo. No texto de hoje Jesus foi além: “você não receberá de Deus aquilo que não está disposto a dar ao seu próximo”. E isso precisa ser aceito e vivido por nós.

O cristianismo nasceu como um movimento caracterizado pela fé, a esperança e o amor. Ao longo do tempo foi institucionalizando-se. A teologia foi construindo declarações formais e a liturgia foi instituindo elementos e práticas. Por várias razões o amor perdeu espaço para a doutrina, a vida foi demonizada e o templo, sacralizado. Nos esquecemos dessa relação fundamental e insubstituível: Deus-eu-você. Fizemos da vida de fé uma torre moral e abandonamos a praça do amor, o lugar da convivência, do apoio, do cuidado e do perdão. O amor deixou o centro pois nos pareceu frágil demais, quando, na verdade, nada é mais poderoso que ele. Temos nos iludido achando que podemos andar com Deus sozinhos, mas não podemos. Não existe o “Deus-eu”, sem o “você” e nem o “Deus-você”, sem o “eu”. A fé é pessoal, mas não é individualista. Deus-eu-você é como ela é.

*ucs*

SÁBADO, 21 DE NOVEMBRO

SOMENTE PARA DEUS

*“Ao jejuar, ponha óleo sobre a cabeça e lave o rosto, para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê no secreto. E seu Pai, que vê no secreto, o recompensará.” (Mateus 6.17-18)*

A fé cristã é uma fé relacional em que amar é o mandamento que dá sentido a tudo mais. No exercício dessa fé devemos nos ocupar de agradar a Deus e servir uns aos outros. Ele deve receber nosso amor superlativo, que leve junto toda nossa mente, coração e alma. Mas no palco da religiosidade as coisas podem se desvirtuar. Podemos encontrar um bom lugar para nossa autopromoção, em que derramamos nosso ego e, às vezes, sem medida. E tudo de forma bem convenientemente religiosa, com ares de santidade e dedicação a Deus. O mandamento que temos é o de amar a Deus sobre tudo e ao próximo como a nós mesmos. E tudo mais precisa decorrer disso, sendo o que garante que olharemos para Deus e uns para os outros de maneira adequada. Mas, no palco da religiosidade, os olhares podem mudar.

Olhamos para Deus, mas apenas para atrair o olhar do irmão. Tentamos causar uma boa impressão ou até mesmo impressionar. E, entre nós, em lugar de aceitação e acolhimento, trocamos olhares de vigilância e cobrança. Em nome de nossa espiritualidade medimos, julgamos, criticamos e comentamos, movidos por um zelo que é apenas um disfarce para nossa inveja ou mesmo maldade. Se nos ocupássemos com mais de Deus, considerando Sua graça e amor, dedicados a agradá-lo e honrá-lo, deixaríamos nosso irmão em paz e evitaríamos fazer de nossas ações uma tentativa de atrair olhares. O ambiente que tão zelosamente transformamos no terreno de nossa devoção, a igreja, corre o risco de se tornar o lugar de nossa vanglória. Por isso Jesus nos pede para termos cuidado. Deveria ser tudo para Deus, mas nem sempre é.

Nossos irmãos não precisam ser noticiados de nossa devoção. Não devemos propagandear nossa dedicação a Deus e nem nossas obras de justiça. Eles devem receber de nós o serviço e o amor de quem se dedica a Deus. O fruto do nosso jejum é o que devem receber e não qualquer propaganda sobre ele. E, como irmãos, devemos evitar o louvor uns aos outros. Louvemos todos a Deus por causa da vida e serviço que percebermos e recebemos do outro. Evitemos alimentar ou provocar o ego que em nós tão facilmente é afetado pelo elogio. Dessa forma andaremos melhor e será mais fácil caminhar. Reduziremos o risco de fazer do ser humano o alvo do que só Deus deve receber e de nós mesmos, hipócritas que simulam santidade. Que, entre nós, seja tudo para Deus e por amor.

*ucs*

DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO

UMA ATITUDE, TODAS AS MUDANÇAS!

*"Venham a mim...” (Mateus 11.28a)*

Jesus frustrou muitas pessoas que se aproximaram dele. Ele não foi o “rei” que tantas esperavam, não correspondeu às expectativas. Todos temos expectativas, inclusive com respeito a Deus. Esperamos que Ele faça certas coisas e nos trate de certa forma. Há de tudo: quem deseja benção e quem deseja castigo. Isso mesmo! Alguns se frustram com Deus porque Ele não é severo como esperavam. Jesus, o Emanuel, o Deus Conosco, também decepcionou. O capítulo 11 de João começa com João Batista enviando mensageiros a Jesus para perguntar: “É você mesmo aquele que viria ou devemos esperar outro?” Ele próprio havia dito sobre Jesus: “eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”(Jo 1.29). E também testemunhou que ouviu a voz do céu: “Este é o meu Filho amado!”(Mt 3.17)! Mas agora parece estar em dúvida. Por que?

Talvez porque as notícias que lhe chegavam fossem desencontradas. Uns afirmavam, outros negavam. Uns confirmavam, outros contradiziam. Tudo era simples demais, singelo demais para ser divino! Jesus havia vindo de Nazaré! “Poderia vir alguém bom de lá?“, foi o questionamento levantado por Natanael. “Venha e veja por você mesmo!”, foi a resposta de Filipe ao amigo desconfiado (Jo 1.45-46). Ainda hoje há mensagens desencontradas sobre Jesus. Ainda hoje Ele nos confunde e ao lermos os evangelhos achamos que Ele poderia ter facilitado mais as coisas evitando algumas atitudes e tendo outras que não teve! Ainda hoje é desafiador ir a Jesus. Ainda hoje cremos e duvidamos, como João, e algo nos parece estranho, como pareceu a Natanael.

A experiência cristã é assim, poderosa e sutil, profunda e simples, incrivelmente grandiosa e acessível a todos. “Venham a mim” é a completa mensagem do Evangelho de Jesus. O que é isso? Como ir? Que verbo é esse? São muitos: confiar, obedecer, crer, buscar, esperar... não tudo de uma só vez, mas cada um a seu tempo. No medo, confiar; na decisão, obedecer; no anseio, buscar; na impossibilidade, esperar; e a lista pode seguir sem fim! Mas sempre terminando na mesma pessoa: Jesus. Em cada atitude afirmando: “Ele é o meu Senhor e Salvador e não há outro!” Venham a mim, disse Jesus. Pescadores, mulheres, publicanos, fariseus... sobre as crianças disse: “não as impeçam de vir a mim”(Lc 18.16). Elas parecem ir mais fácil e naturalmente se não forem impedidas! “Venham a mim”! Uma atitude que muda tudo, em todos, para sempre!

*ucs*

SEGUNDA, 23 DE NOVEMBRO

PARA CANSADOS E SOBREVARREGADOS

*"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados...” (Mateus 11.28)*

Há um grupo de pessoas a quem Jesus explicitamente convida para ir a Ele. Um grupo do qual todos nós, em algum momento, fazemos parte. Não importa a classe social ou o nível intelectual. Não importa a idade ou o ramo de atividade a que se dedica, e nem mesmo se já se aposentou. Todos, em algum momento, unem-se a este grupo. Um grupo desinteressante para a maioria dos que tem algum convite a fazer. Um grupo que não tem muito a oferecer. Ao contrário, um grupo que precisa receber. Afinal, para que servem os cansados e sobrecarregados? Gente que não quer falar, não quer andar, não quer continuar? Gente que deseja morrer ou pelo menos sumir? Gente que pensa (e sente): basta!

Onde estão essas pessoas? Há muitas ou poucas? Elas estão em toda parte. Algumas podem ser identificadas facilmente pois trazem no rosto a declaração de derrota e frustração. Estão cansadas e esgotadas. Mas a maioria não pode ser identificada assim tão facilmente. São pessoas que não aceitam admitir e, se admitem para si mesmas, não o fazem para os outros. Há um sorriso cobrindo tudo, bem como roupas e acessórios! Não é, necessariamente, uma questão de falsidade, mas de superficialidade. A vida fica sendo o produto de estímulos cujo efeito é sempre mais curto do que gostaríamos: uma conquista, uma promoção, uma viagem, um novo amor... O problema é que sempre chega a hora em que o estímulo não faz mais efeito e o que está guardado dentro vem para fora. Os cansados e sobrecarregados somos todos nós!

Andamos fazendo da vida o que ela não é. Invertemos as prioridades. As coisas tornaram-se mais importantes que as pessoas. Enchemos de coisas nossas mochilas, nossos armários e nossas casas! E das coisas mais caras que pudermos comprar. Coisas que dirigimos, que vestimos, que comemos, que apenas penduramos na parede! E nos faltam pessoas, amor verdadeiro, encantamento com a vida e sentido eterno. Falta-nos graça, misericórdia e bondade. Falta-nos Deus! “Venham a mim”, disse Jesus! “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). “Eu vim para que tenham vida plena” (Jo 10.10). Mas achamos que não estamos cansados, que não precisamos de Deus e que o temos é, de fato, vida! E assim não entendemos o convite, pensando que é para outros! Mas não é. É para mim e para você. E não é para amanhã. É para hoje!

*ucs*

TERÇA, 24 DE NOVEMBRO

DESCANSO

*"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso.” (Mateus 11.28)*

Uma das grandes notícias das Escrituras é que Deus está a nosso favor. Ele não é nosso inimigo, não se aproxima para nos destruir, mas para nos salvar. Ele nos ama e precisamos aprender a receber e desfrutar de Seu amor. Precisamos aprender a responder a Deus com amor. Ele nos oportuniza diversos benefícios para nos ajudar a compreender que nos quer bem. Alguns carregam uma ideia de Deus como se Ele fosse um “desmancha prazeres”. Alguns desconfiam que, se for legal ou divertido, deve ser pecado! Há muitas notícias erradas sobre Deus em circulação. É em Jesus que encontramos a verdade sobre Ele. Aquilo que Jesus diz e faz é o que Deus diz e faz (Hb 1.1-3).

Ele nos oferece descanso à vista do cansaço e sobrecarga que caracterizam facilmente nossa vida. Acreditando que estamos seguindo na direção certa, corremos para fazer nossa vida dar certo. Acreditamos que o sucesso é o caminho da felicidade e nos fazemos de cegos para tantos casos de sucesso mal sucedidos. Insistimos em fazer da vida o que ela não é. Jesus Cristo tem descanso para nós. Ele tem novas ideias sobre o que nos fará felizes. Ele tem melhores ideias sobre quem somos e quem devemos ser. Não teremos duas chances, temos apenas esta vida. As Escrituras, contrariando algumas correntes filosóficas e religiosas, afirmam que é agora ou não será depois (Hb 9.27).

Viver pela fé no Filho de Deus, que nos amou e entregou-se por nós, é seguir a fé que marcou a vida do apóstolo Paulo (Gl 2.20). Ele encontrou descanso em Cristo. Ele, por causa de Cristo, sentiu-se capaz para superar as mais diversas situações. Tendo muito ou pouco, alimentado ou com fome, ele aprendeu a sentir-se feliz por ter a Cristo, por saber que estava unido a Cristo (Fl 4.12). Sua fé não era um peso, mas uma alívio para os pesos da vida. Eis algo que muitos de nós precisamos aprender: desfrutar da leveza da graça. Jesus não nos convidou para levar cargas, mas para encontrar descanso. Tem sido assim com você?

*ucs*

QUARTA, 25 DE NOVEMBRO

APRENDER DE JESUS

*“Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim...” (Mateus 11.29)*

O mundo agrícola transformou-se muito com a tecnologia, assim como todos os demais aspectos de nossa vida. O arado de tração animal já não é algo muito usado. Assim como o carro de boi, ainda presente em algumas regiões do globo, mas não como antes. Muitas crianças em nossas cidades jamais viram uma galinha viva! Imagine um carro de boi! Para entendermos o que Jesus está dizendo é preciso saber do que se trata um “jugo” e ele tem a ver com o arado e como carro de boi. “Jugo” ou “canga” é uma peça de madeira que, colocada sobre dois bois, os une pelo pescoço. Assim, unidos, trabalham juntos. Normalmente um boi mais velho e colocado com um mais jovem, unindo força e experiência. O mais velho é o “dono” do jugo e o outro aprende como ele.

Jesus quer nos dar descanso (v.28), mas nos dará mudando nossa maneira de viver. Ensinando-nos a viver a partir de novos referenciais e valores. Ele não diz que colocará sobre nós o seu jugo, mas que nós devemos tomar sobre nós, colocar sobre nós, o jugo dele. Jesus poderia nos obrigar, mas Ele não age assim. Ele não faz escravos, Ele faz amigos (Jo 15.15). Ele poderia simplesmente dar ordens, mas isso seria atitude de quem quer explorar, e não de quem quer ensinar. Ele valoriza a nossa identidade e não quer esmagá-la sob Sua vontade, que é boa, perfeita e agradável para nós (Hb 12.2). Nela somos promovidos, emancipados e encontramos libertação. Sua vontade não é contra, mas a favor de nossa vida. Nosso cansaço é fruto de vivemos iludidos, fantasiando a vida e perdendo o rumo. Gastando a vida com o que não compensa.

“Aprendam de mim...” é a proposta de Jesus. Aprender dele, com o modo como nos trata, confiando nas verdades que Ele disse, seguindo-o na firmeza com que viveu para fazer a vontade do Pai. Aprender de Seu coração perdoador, de Suas prioridades – o Reino Eterno. De Sua paz! Aprender a ser luz a sal nesta vida, a ser misericordiosos, a “pescar pessoas”, atraindo-as para o Reino de Deus. Aprender com Ele a prudência das virgens diligentes, a fidelidade do mordomo sábio, o amor do samaritano bondoso. Há tanto que aprender! E quanto mais aprendermos, mais descanso teremos em meio ao trabalho e lutas dessa vida, cujas conquistas, ficarão todas aqui. Sabemos tanto sobre Jesus! Mas, o que, de fato, já aprendemos dele?

*ucs*

QUINTA, 26 DE NOVEMBRO

MANSIDÃO E HUMILDADE

*“...aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração...” (Mateus 11.29)*

Que exemplos nos atraem? Quem são nossos heróis? “Ter heróis é coisa de criança!”, diria alguém. Não estou bem certo disso. Podemos chamar por outros nomes, mas talvez pudesse chamar de heróis aqueles que nos desafiam, inspiram, que nos fazem perceber que ainda nos falta o que eles já tem ou são. Cazuza cantou sobre seus heróis e disse que eles morreram de overdose. E completou: “meus inimigos estão no poder.” A que se referia? Talvez o que passou a dominá-lo. Talvez algo que o estivesse levando a ser quem, de fato, não queria ser. Não somos originais, estamos seguindo alguém. Não necessariamente apenas a uma pessoa. Somos todos, irremediavelmente, influenciáveis.

Estamos sendo influenciados por Jesus? Ninguém seguirá Jesus por acaso, sem nem mesmo perceber. Será preciso escolher e com firmeza manter a escolha porque Jesus é um tipo estranho de herói. Ele não se encaixa no padrão de sucesso, de grandeza e atração do nosso mundo. Ele será sempre estranho ao padrão de mundo que criamos. Ele nos convida a segui-lo e avisa: sou manso e humilde de coração. Ele é o Cordeiro de Deus e o Leão de Judá. O Alga e o Ômega, Princípio e Fim. Rei dos reis e Senhor dos Senhores. Todo poder pertence a Ele. Diante dele, um dia, todo joelho se dobrará e toda língua declarará: “Tu és o Senhor”. Mas não parece ser tudo isso. Sua mansidão e humildade de coração nos confundem. É estranho, mas Deus é manso e humilde!

O que estamos aprendendo sobre nossa natureza e sobre quem devemos ser? Com quem estamos aprendendo? Que pessoas e forças estão nos influenciando? Nossa empresa, nosso chefe, nossos pares, as crises, as injustiças, o desejo de poder e de possuir? O que estamos tentando provar ou conquistar? Onde pretendemos chegar e a quem esperamos impressionar? Tomara que já estejamos cansados disso! Cansados o bastante para ouvir o convite de Jesus e escolhermos segui-lo com a perseverança de quem se manterá seguindo e aprendendo. Aprendendo essas duas coisas “inúteis” para o mundo, mas fundamentais no Reino de Deus: mansidão e humildade. E aí descansaremos. Quem somos precisa de quem Ele é. Que nossos olhos se fixem nele. Autor e consumador de nossa fé! (Hb 12.2)

*ucs*

SEXTA, 27 DE NOVEMBRO

ALMAS CANSADAS

*“...e vocês encontrarão descanso para as suas almas.” (Mateus 11.29)*

Jesus convida os cansados e sobrecarregados para irem a ele, tomarem sobre si o Seu jugo e aprenderem dele. Ele é manso e humilde de coração. O resultado de aceitarem o convite é que encontrarão descanso para suas almas. Jesus entende da alma humana como ninguém e nos diz duas coisas muito importantes: a alma se cansa e o descanso para a alma está nele! A alma se cansa por vários motivos. Eis alguns: a vitória do mal, a culpa, a falta de sentido, a perda da esperança, a falta de amor, a ingratidão, o desprezo, a solidão, a mágoa e certamente você teria algo com que contribuir para a lista. Coisas de que a vida está cheia e por isso a alma se cansa. Por isso nos desgastamos por dentro, onde a vida verdadeiramente acontece.

O Senhor Jesus, que nos convida a encontrar descanso nele, veio a nós e “calçou nossos sapatos”. Ele sabe o que é ser um ser humano. Entre nós Ele não ocupou muitos dos lugares honrosos que tantos de nós ocupamos e nem teve a vida com tantas das facilidades que temos. Ele nasceu numa nação escravizada, numa família sem recursos e cresceu em Nazaré, uma cidade cujos moradores eram vistos com suspeitas: “pode vir algo bom de Nazaré?” (Jo 1.46). Ele foi tentado em todas as coisas, nas mesmas em que somos tentados, e não pecou (Hb 4.14-15). No momento mais difícil de sua vida, depois de servir e amar a tantos, foi traído e abandonado. Ouviu um “não” do Pai e foi crucificado. Ele sabe o que é a vida! Nós, não!

Nós facilmente nos iludimos e somos atrevidamente auto confiantes. Até julgamos uns aos outros! Mas, talvez o mais grave problema seja que nosso cansaço tornou-se assintomático! Nossa alma não está nada bem, mas não sentimos! Como o homem que ajuntou grande riqueza e disse a si mesmo: “Estou garantido e seguro! Agora é só desfrutar!”; e a quem Jesus chamou de “insensato” (Lc 12.20), assim agimos nós! Quando vamos buscar o quebrantamento que vem pela ação do Espírito Santo? Quando vamos orar verdadeira e constantemente como o salmista: “Senhor, sonda-me”? (Sl 139.23). E quando perceberemos que somos incapazes para discernir nossos próprios erros? (Sl 11.12) Que não seja tarde demais!

*ucs*

SÁBADO, 28 DE NOVEMBRO

É VERDADE!

*“Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve". (Mateus 11.30)*

E então? Você já é um seguidor de Jesus? O que acha de Seu jugo e de Seu fardo? São realmente “leve e suave” para você? Deixe-me ser bastante sincero: por muito tempo li (e escutei a leitura) dessa afirmação de Jesus com graves desconfianças. Não me parecia que era de fato assim. Afinal, eu precisaria dizer “não” a mim mesmo para segui-Lo! Como isso poderia ser considerado suave e leve? Aprendi tantas proibições com as quais deveria me conformar e tantos deveres a cumprir que, sinceramente, o jugo e o fardo de Jesus poderiam ser bons para mim, benéficos e compensadores, mas, suave e leve, definitivamente, não. Mas acabei descobrindo que a má impressão que carregava sobre Ele estava errada. Minhas desconfianças eram mal fundamentadas.

Ensinaram-me a entender de forma errada a fé certa que me transmitiram. Hoje, o amor e a graça de Jesus, Sua paciência, bondade e as certezas que me oferece confirmam Suas palavras. Confiar em Jesus e segui-lo, tomar sobre mim Seu jugo e fazer o que Ele manda (Seu fardo), confirmam tanto leveza quando suavidade. Por muito tempo carreguei as restrições de minha religiosidade e o peso imposto pela consciência de outras pessoas. Mas tenho superado, ainda que lentamente, esse tempo. Ainda vale o fato de que devo dizer “não” a mim mesmo. Ainda é verdade que há coisas que devo evitar e mudanças profundas a se realizarem em minha vida. É certo que, guiada pela fé em Cristo, minha consciência reprova alguns (as vezes muitos) de meus atos. Mas, em tudo isso, sigo encontrando vida. Uma vida do tipo leve e suave, pois, em todo tempo, sinto-me amado!

Verdadeiramente, todo peso e aspereza próprios da vida de pessoas pecadoras – nós – Jesus levou na cruz do Calvário. Ele tomou sobre si nossas dores e sofreu o castigo que nos possibilita viver em paz (Is 53.4-5). Nenhum de Seus mandamento é um peso que nos esmaga e esgota. Ele nos chama a uma vida desafiadora, marcada por amor a Deus e ao próximo, em que servir não é uma opção e perdoar é um dever inalienável. Andar com Ele faz crescer em nós a clareza de que há muito que mudar e aprender. Mas, ao final de cada dia como Seu seguidor, após ter feito decisões e escolhas influenciadas pelo compromisso de obedece-lo, sentimos gratidão, dignidade e a sensação de que viver é muito bom! Os dias escuros existem, mas passam. Perdas acontecem, mas a vida segue. Ele cuida de nós. É totalmente verdade: Seu jugo é suave e Seu fardo é leve!

*ucs*

DOMINGO, 29 DE NOVEMBRO

ONDE ESTÁ SEU CORAÇÃO?

*"Não acumulem para vocês tesouros na terra... Mas acumulem para vocês tesouros no céu... Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.” (Mateus 6.19-21)*

Seguir a Jesus não nos significa que precisaremos fazer um voto de pobreza, considerando toda riqueza como algo errado. Seguir a Jesus também não significa que “tudo que eu fizer prosperará”, pois, embora não seja “o dono do mundo”, me tornei “filho do dono!”. Nem uma coisa, nem outra! Há pessoas que vivem cheias de ambições e incluem Jesus em seu repertorio de recursos para fortalecer ainda mais suas buscas ambiciosas. Isso não é seguir a Jesus. É pretender usá-lo. Isso não é fé cristã. É um desvio dela. Seguir a Jesus significa que poderei aprender a lidar com a vida em seus diversos aspectos – riqueza e pobreza. Poderei, abençoado e sustentado por Ele, colocar cada coisa em seu devido lugar e reorientar as minhas prioridades.

Somos amados por Deus e Ele está do nosso lado, não contra nós. Nosso mundo funciona mal e faz afirmações equivocadas sobre a vida, sobre o que ela é e o que nela, de fato, tem valor. Facilmente nos tornamos dependentes da vida material e das satisfações que ela nos proporciona, pois é assim que nosso mundo é e pensa! Isso é sedutor e somos tentados a viver pelo tesouros daqui. Jesus nos diz que devemos resistir e viver pelos tesouros eternos. Não é um convite à ambição – há um tesouro no céu para vocês! – mas ao serviço ao Reino: ajuntem tesouros no céu! É a diferença entre viver apenas para nós mesmos e viver para honrar a Deus. O resultado de vivermos para nós é incerto. Ferrugem, traça e ladrões podem levar tudo. Leva-nos a um estilo de vida que produz resultados que não satisfazem.

Jesus nos aconselha outro caminho – viver orientados pelo Reino de Deus, seus valores e prioridades. As prioridades da terra são coisas, os do céu são pessoas. As da terra são conquistadas com dinheiro e, na maioria das vezes, é o próprio dinheiro! As do céu são conquistadas com o amor e o serviço e sempre exaltam a Deus. Se buscarmos os tesouros do céu não nos faltará tempo para sermos supridos com o que precisamos na terra. Mas se vivermos pelos da terra, eles nos escravizarão, nos consumirão o tempo, a disposição, e os recursos. Nos cansaremos, no sentiremos sobrecarregados e vazios. Podemos seguir a Jesus sendo ricos ou pobres, tendo falta de coisas ou abundância delas. O segredo esta no nosso coração e onde ele está. Onde está o seu e o que há nele?

*ucs*

SEGUNDA, 30 DE NOVEMBRO

LUZ E TREVAS

*"Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz. Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são!” (Mateus 6.22-23)*

As aparências enganam, sabemos disse e não é novidade alguma. Mas, precisamos admitir, as aparências são muito valorizadas entre nós. Afinal, temos limitações. Não conseguimos ver o coração, pelo menos não o do outro. E então nos deixamos impressionar pelo rosto. E, já que o outro não pode ver o nosso, tentamos impressionar. Não com o coração, pois leva muito tempo. Com as aparências. Não é atoa que os profissionais da propaganda estudam e usam os efeitos das cores e das formas sobre nós. Afinal, a embalagem conta! Mas há um provérbio indiano que diz: “um diamante pode estar na lama e um pedaço de vidro numa coroa; porém, na hora de comprar e vender, vidro é vidro e diamante é diamante”.

As vezes somos como um pedaço de vidro, bem cortado e acomodado em certo lugar que nos dá a aparência de um diamante. Exteriormente muito bem, mas interiormente, muito mal. Não se tratam de sentimentos, se estamos tristes ou abatidos. O abatimento interior não é, necessariamente, sinônimo de trevas interiores. As trevas interiores tem a ver com o tipo de valores e anseios que nutrimos. Se somos dominados por maldade, ódio, sensualidade, engano, amor ao dinheiro, presunção, orgulho, vaidade e coisas desse tipo, há trevas em nós. Se essas coisas nos habitam, ainda que brilhemos aos olhos dos outros, há trevas em nós. Jesus usa uma expressão interessante: “se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são”. Como podem as trevas fazerem o lugar da luz? É aí que nós, religiosos, precisamos considerar cuidadosamente nossa situação.

A pior das trevas são aquelas que nos parecem luz! O pior desvio é aquele que nos parece o caminho. O pior pecado é aquele que nos parece virtude! Veja as palavras de Isaías: “Ai dos que chamam ao mal bem e ao bem, mal, que fazem das trevas luz e da luz, trevas, do amargo, doce e do doce, amargo.” (Is 5.20) Não há virtude, de fato, no Reino de Deus, se não há amor. Amor a Deus e ao próximo, não apenas um deles! E amar é nossa grande dificuldade. Facilmente nos tornamos duros, julgadores, pensamos mal uns dos outros, orgulhosos, falta-nos até mesmo humanidade, e nem percebemos. Nos sentimos muito bem, quando deveríamos nos sentir muito mal! As vezes nos orgulhamos do que deveria nos envergonhar! Precisamos de verificação constante para a luz que acreditamos ter em nós. Que a submetamos a Deus para que, de fato, seja luz e não, trevas.

ucs